

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS PRINCESA ISABEL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO AMBIENTAL DE MUNICÍPIOS

CAROLINA AZEVEDO DE BRITO

MULHERES RURAIS E SEUS QUINTAIS PRODUTIVOS:
EMPODERAMENTO FEMININO, SUSTENTABILIDADE E SEGURANÇA
ALIMENTAR

PRINCESA ISABEL-PB

2020

CAROLINA AZEVEDO DE BRITO

**MULHERES RURAIS E SEUS QUINTAIS PRODUTIVOS:
EMPODERAMENTO FEMININO, SUSTENTABILIDADE E SEGURANÇA
ALIMENTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Princesa Isabel, como requisito necessário para obtenção do Grau de Especialista em Gestão Ambiental de Municípios.

Orientador: Profa. Dra. Karoline Fernandes Siqueira Campos

PRINCESA ISABEL-PB

2020

Brito, Carolina Azevedo de.

B862m Mulheres rurais e seus quintais produtivos : empoderamento feminino, sustentabilidade e segurança alimentar / Carolina Azevedo de Brito. – 2020.

21 f : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Ambiental de Municípios) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Princesa Isabel, 2020.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Karoline Fernandes Siqueira Campos.

1. Agricultura. 2. Quintais produtivos. 3. Protagonismo feminino. 4. Sustentabilidade rural. I. Campos, Karoline Fernandes Siqueira. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. III. Título.

IFPB/PI

CDU 633:316.34

Catálogo na Publicação elaborada pela Seção de Processamento Técnico da Biblioteca do IFPB Campus Princesa Isabel.

CAROLINA AZEVEDO DE BRITO

**MULHERES RURAIS E SEUS QUINTAIS PRODUTIVOS:
EMPODERAMENTO FEMININO, SUSTENTABILIDADE E
SEGURANÇA ALIMENTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Princesa Isabel, como requisito necessário para obtenção do Grau de Especialista em Gestão Ambiental de Municípios.

Aprovado em, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Karoline Fernandes Siqueira Campos

Prof^a Dra. Karoline Fernandes Siqueira Campos IFPB

Luana Lima dos Santos

Prof^a. Ma. Luana Lima dos Santos IFAP

Vinicius Batista Campos

Prof. Dr. Vinicius Batista Campos IFPB

PRINCESA ISABEL-PB

2020

RESUMO

Os quintais produtivos são, geralmente, espaços nos arredores das casas, onde se cultivam hortaliças, frutas, ervas medicinais, animais de pequeno porte, entre outros, é nesse ambiente que a mulher se reconhece como trabalhadora e se reveste de autonomia e passa a se ver como uma mulher empoderada. Objetivo deste trabalho foi analisar e compreender os impactos sociais, ambientais e estruturais que os quintais agroecológicos desenvolvem no cotidiano e na vida das mulheres rurais, a fim de compreender a realidade feminina. A metodologia utilizada foi baseada em métodos qualitativos, por meio de entrevistas/conversas, onde sete mulheres com idade entre 25 e 54 anos foram escolhidas aleatoriamente na feira livre da cidade de Afogados da Ingazeira, no Sertão de Pernambuco. Por fim, foi possível observar que os quintais exercem um papel fundamental na visibilidade da mulher do campo, tornando-as protagonistas de suas próprias histórias como trabalhadora/produtora e fonte de renda familiar, além de contribuir para a segurança alimentar de sua família e para o desenvolvimento rural sustentável.

Palavras-chave: Quintais produtivos; Protagonismo feminino; Qualidade alimentar; Sustentabilidade rural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
OBJETIVOS	14
OBJETIVO GERAL	14
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
REFERENCIAL TEÓRICO	14
EMPODERAMENTO	14
SUSTENTABILIDADE.....	16
SEGURANÇA ALIMENTAR.....	16
METODOLOGIA	17
PESQUISA DE CAMPO.....	18
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	23

INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 70 a socióloga Ann Oakley inseriu em seus trabalhos a palavra gênero. Essa inserção se deu devido aos conflitos gerados pelo movimento político-feminista, que tinham como um de seus objetivos a reflexão e denuncia sobre o “abuso sexual”, a “diferença entre os sexos” e as “classes sexuais” (GOMES, 2004), apresentando com alvura a distinção entre as palavras gênero e sexo, sendo respectivamente, referente à cultura, ou seja, a determinação social entre feminino e masculino, e sexo, a distinção biológica entre fêmea e macho (TILLY, 1994).

O estudo sobre gênero foi reforçado nos anos 80 pela historiadora Joan Scott, quando a mesma trouxe pensamentos e estudos teóricos que reestruturavam o conceito que passou a ser compreendido como um conjunto de estudos capazes de mostrar os papéis sociais e as diferenças sexuais a partir do contexto histórico e social construído (GOMES, 2004).

O termo gênero passou a não somente ser discutido, mas também utilizado e inserido no dia a dia e nas lutas, por mulheres americanas e inglesas que defendiam o feminismo, essas explicavam e exibiam a desigualdade e discriminação que as mulheres sofriam. Neste período, em 1980, a averiguação sobre a condição social entre homens e mulheres revelava a grave desigualdade entre ambos e também mostrava que essa tende a aumentar de acordo com a classe social, raça e etnia (CASTILHO, 2006).

O feminismo passou a intensificar a luta pelo gênero e igualdade ao pesquisar, debater, criticar e denunciar o desrespeito e desigualdade, e como resultado desse cenário elas começaram a se organizar e criar movimentos que visavam à luta por equidade social, econômica e política. O empoderamento feminino passou a ser percebido como questionamento e posicionamento que as mulheres assumiam em relação aos paradigmas e papéis impostos e socialmente construídos.

No entanto, a igualdade e a justiça pretendida através da luta eram impedidas pela sociedade patriarcal, capitalista e racista. Por isso, a importância do empoderamento feminino ser debatido, pois foi através desse processo que houve mudanças nas relações patriarcais, desencadeando nas mulheres um sentimento de força e capacidade, além do reconhecimento do que as reprimia, e assim, foram desenvolvendo uma consciência crítica. No entanto, no caso das mulheres rurais, o desafio era ainda maior devido à cultura arraigada da dominação masculina.

A mobilização das agricultoras por reconhecimento e valorização fez com que a redemocratização ganhasse visibilidade entre elas, e isso resultou em condições para o surgimento dos movimentos de mulheres rurais (DEERE, 2004). Essa luta ganhou poder e força e foi capaz de alcançar a cidadania para elas, o reconhecimento como agricultoras enquanto profissão, a participação em sindicatos e até mesmo a direção desses.

No entanto, a luta das mulheres ligadas ao movimento rural estava apenas iniciando, em agosto de 2000, ocorreu em Brasília a maior manifestação nacional de mulheres rurais, a Marcha das Margaridas, elas buscavam direitos ao título de propriedade de terra conjunta com seus companheiros, reforçavam a busca pelo acesso a documentação, exigiam acesso a crédito específico, assistência técnica e programas de cooperativismo. Além das políticas agrárias e agrícolas, elas visavam os direitos básicos das trabalhadoras, como a previdência social, o acesso digno a educação e a saúde.

Depois de tantas conquistas e lutas, outro fato passou a ter notoriedade foi a importância da ação das mulheres na segurança alimentar e nutricional da família. Outra questão relevante e atual que passou a ser debatido é a relação entre a agroecologia e o gênero, visto que as agricultoras desenvolvem um expressivo trabalho no manejo sustentável e na conservação da biodiversidade.

As mulheres, geralmente, são as encarregadas do trabalho do lar, dos filhos e da família. Na maior parte das comunidades a tarefa de cuidar dos policultivos e da preservação da biodiversidade são delas (BURG; LOVATO, 2007). Apesar da cooperação direta para a renda familiar a atividade feminina ainda é vista como complementar da atividade do homem. Essa desvalorização do trabalho das mulheres realizado na esfera familiar abrange também os espaços conhecidos como: quintais produtivos.

De acordo com Collet, Bernartt e Piovezana (2015), não há uma definição exata para quintais produtivos agroecológicos, no entanto, alguns princípios são norteadores, como os que fundamentam a agroecologia e a igualdade de gênero. Abrangem “um esforço de integrar toda a biodiversidade como parte do universo”, sendo “espaços onde se ensina e aprende relações de igualdade entre todos os seres vivos”.

Refletindo sobre os sistemas agroecológicos, as agricultoras passaram a inserir em suas terras os quintais produtivos, que apresentam um elo entre a produção e a relação com a natureza. Esses agrossistemas são espaços de produção onde se cultivam verduras, frutas, plantas medicinais, animais de pequeno porte, entre outros, e tudo fica no entorno de suas casas, essa diversidade contribui para o rural ecologicamente equilibrado e é direcionada

também ao social, ao econômico, ao cultural, a política, as futuras gerações (ABRANTES et. al., 2015), ao resgate do saber tradicional e a segurança nutricional.

Nesse sentido, o trabalho se propõe a analisar a relação gênero/autonomia/quintal produtivo protagonizado por mulheres e as contribuições para a sustentabilidade e a segurança alimentar de sua família.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Analisar a relação das mulheres com os seus quintais produtivos no município de Afogados da Ingazeira, no Sertão de Pernambuco.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender a importância dos quintais e suas implicações no empoderamento da mulher rural;

Analisar o elo entre os quintais produtivos e a sustentabilidade;

Observar a relação do quintal com os hábitos/segurança alimentar da família.

REFERENCIAL TEÓRICO

EMPODERAMENTO

As últimas décadas vêm sendo marcadas pela presença de se discutir sobre a desigualdade de gênero, a fim de elevar a equidade social, econômica e política na concepção do empoderamento de mulheres e também do desenvolvimento rural.

Segundo Trigo (2015), a discriminação contra as mulheres vem sendo disseminada desde a antiguidade, é histórica e estrutural, resultado de uma sociedade patriarcal. Nessas sociedades os papéis e ocupações são bem definidos não podendo a mulher realizar as mesmas atividades que o homem, pois elas são vistas como um ser inferior, incompleta e frágil (PEREIRA, 2012).

No caso das mulheres rurais essa cultura é carregada de dominação, e elas são vistas como propriedade do homem, prestadora de serviço doméstico, submissas e sua função baseia-se no lar. Em conformidade com isso Tedeschi (2010, p.9) relata que:

A figura do pai como representação principal na história das mulheres camponesas reflete a cultura que secularmente elegeu o masculino como responsável pelo exercício das atividades desenvolvidas “fora do espaço da casa”, uma vez que o âmbito de trabalho “da casa” é o “lugar da mulher”.

Essa divisão sexual está ligada ao entendimento que a atividade do homem é relacionada ao ambiente produtivo e público enquanto o ambiente feminino é reprodutivo

e o privado, limitada a casa e a família. No entanto, essa visão serve apenas para demarcar cada espaço na sociedade, visto que no dia a dia do campo as agricultoras também participam do trabalho produtivo que lhes são atribuídos.

O trabalho que é executado nos quintais e nas atividades doméstica, além do serviço na propriedade é quase sempre definido como subsidiário, mera “ajuda” ao marido. O grande problema é que essa perspectiva também é propagada pelas próprias trabalhadoras, o que retrará a desvalorização do trabalho feminino pela sociedade, e consequentemente, o apagamento a respeito do reconhecimento delas na produção (ALMEIDA et al. 2014).

Embora a relação de gênero tenha formas distintas nas diversas regiões que constituem o rural brasileiro, predominam nas pesquisas a desigualdade nestas relações (PIZZINATO et al. 2015). O referido autor ainda destaca que, em suas pesquisas, notou que o patriarcalismo ainda perdura no campo, apesar das indicações do empoderamento feminino.

O empoderamento é um processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E esse processo leva a libertação das mulheres em relação aos paradigmas da opressão de gênero e patriarcal. Empoderar a mulher é progredir como sociedade. Entender que é essencial que a mulher tenha condições iguais de reconhecimento, emprego, salário, educação, cidadania e saúde é um passo para que se possa proporcionar uma sociedade mais justa, com melhores condições de vida e mais igualdade de gênero (PEREIRA, 2012).

O avanço da igualdade de gênero e participação feminina tem sido discreta, mas gradual. Uma reportagem noticiou no Dia Internacional da Mulher, na página do Globo Rural (ALENCAR, 2016), hoje a mulher se destaca por uma posição maior do que apenas o de esposa ou filha, desempenhando atividades como agricultoras líderes de comunidades, engenheiras agrônomas e produtoras.

Nesse sentido de participação feminina, uma pesquisa realizada em 2003 na cidade de Jupi, no estado da Paraíba, retratou que os quintais produtivos eram em sua maioria implantados pelas mulheres (ALMEIDA et al. 2014), tornando-se uma força para a manutenção, conservação e desenvolvimento de áreas rurais, e consequentemente, dando autonomia a elas e tornando aquele espaço em um lugar de empoderamento.

Os quintais são espaços de uso integrado do solo, que favorece a ciclagem de nutrientes, a conservação do solo e a biodiversidade. Assim, são locais de conservação, troca de saberes, geração de renda e autonomia, pois é nesse ambiente que as mulheres se

revestem de autonomia, debatem, se reconhecem como produtoras e tem a oportunidade de socializar com outras mulheres. A conjuntura de todos esses fatores começou a modificar a visão limitada que elas tinham de si, e como consequência as agricultoras começaram a reunirem-se em organizações, reuniões e associações, ganhando espaço e visibilidade. Os quintais contribuem para a ascensão do protagonismo das mulheres como agentes de transformação de si e da estrutura social.

SUSTENTABILIDADE

A sustentabilidade é a forma de utilizar algo de modo a não esgotar a sua capacidade para o futuro, visando garantir o econômico, o social e o ambiental. E através dos quintais produtivos é possível alcançar esse tripé da sustentabilidade.

O quintal produtivo ou agroecológico tem como uma de suas várias propostas ser um sistema integrado, onde cada atividade é essencial para a outra. Com o referido sistema é possível preservar o ambiente, resgatar práticas sustentáveis, produzir alimentos saudáveis e sem uso de agrotóxicos, além de favorecer financeiramente as famílias que adotam ao quintal.

Essa prática agroecológica produtiva, que geralmente é dirigida por mulheres, contribui para obter sustentabilidade e estabilização na produção rural (SILVA et. al, 2017), que é marcada pela inter-relação da mulher, trabalho e natureza, conectando-os como coprodução uns dos outros, uma vez que optam pela utilização de insumos disponíveis localmente e de maneira sustentável, preservando o meio ambiente para que se possa assegurar a existência de novos ciclos (GRISA, 2007).

SEGURANÇA ALIMENTAR

O conceito segurança alimentar surgiu na década de 90 e até os dias de hoje vem sendo utilizado e adaptado pelos governos. Esse conceito engloba três importantes fatores a quantidade, a qualidade e a regularidade no acesso aos alimentos. A quantidade também se refere à possibilidade de se consumir de forma digna o alimento e com qualidade. E em relação à regularidade, deve-se destacar que as pessoas devem ter acesso regular à alimentação, no mínimo, três vezes ao dia (BELIK, 2003), o intuito é que o acesso à alimentação seja amplo.

A segurança alimentar possibilita a oferta e torna acessível a todos a aquisição de alimentos, a fim de obter uma vida produtiva e saudável a sociedade, permitindo acesso a uma alimentação adequada através de recursos locais sobre uma base contínua e sustentável (SILVA, 2012). Essa segurança alimentar pode ser obtida através dos quintais produtivos.

Atualmente a prática de trabalhar nesses espaços é uma estratégia utilizada pelas mulheres rurais com foco na otimização do plantio para a suplementação alimentar de sua família (SANTOS, 2018).

Segundo Amorozzo (2002), os quintais permitem as famílias variedade alimentar, a preservação da cultura alimentar e dos recursos naturais, por complementarem as necessidades de subsistências cotidianas, corroborando para a qualidade alimentar. A associação entre os quintais e a segurança alimentar vem se tornando cada vez mais consistente à medida que o manejo eleva a produção de alimentos de valor nutricional para a família.

Em se tratando de segurança alimentar e quintais produtivos, a promoção para os agricultores compreende, principalmente, a produção para o autoconsumo, tais como a produção de plantas alimentícias, da horta, e plantas medicinais. Assim, a variedade de espécies alimentícias proporciona ao agricultor uma produção com opções de alimentos, garantindo assim aos agricultores uma alimentação equilibrada, uma dieta enriquecida, saudável e livre de agrotóxicos e transgênicos.

METODOLOGIA

A pesquisa fundamenta-se em um conjunto de procedimentos que visa produzir novas perspectivas sobre o tema. É, no entanto, a averiguação de um dilema realizado por meio de uma metodologia, que abrange da abordagem do problema até a coleta de dados.

Para que se possa entender e desenvolver a abordagem do problema torna-se necessário conhecer e compreender o lado conceitual do tema por meio de leituras específicas.

Segundo Luna (2005), a revisão teórica busca compreender o problema da pesquisa por meio de um quadro de referência que pretende elucidar a questão.

Além da parte teórica houve a pesquisa de campo, essa etapa teve como objetivo obter informações e conhecimentos sobre o problema. Tratou-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2010, p.57), esse método pode ser definido como:

... é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

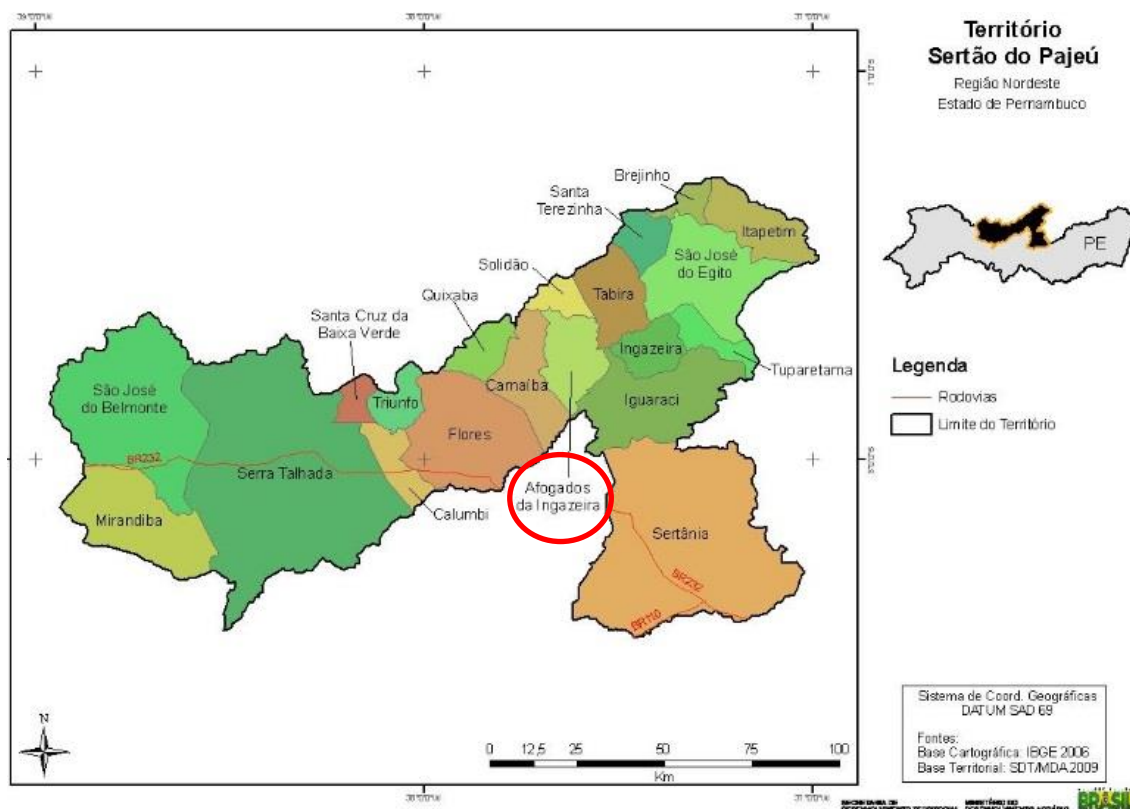
Esses métodos qualitativos não apresentam um padrão fixo quanto à forma, o método e aos objetivos, visto que, deve-se buscar analisar e compreender toda a diversidade existente sobre os sujeitos.

Desta forma os processos para atingir os objetivos do estudo foram: a pesquisa teórica e a pesquisa de campo, que será descrita a seguir:

PESQUISA DE CAMPO

O município de Afogados da Ingazeira (Figura 1) está localizado no Sertão de Pernambuco, mais especificamente na microrregião do Pajeú e apresenta uma população, estimada pelo censo do IBGE de 2010, de 37 mil habitantes para 2020 e sua área territorial é de 377,70 km². Sua densidade populacional é de 97,61hab./Km², e sua população rural é de 21,9% (IBGE, 2017). A cidade é polo do Sertão do Pajeú e sua economia é rural, historicamente sempre teve como base a pecuária de corte e a agricultura familiar.

Figura 1: Mapa do Território do Sertão do Pajeú.



Fonte: http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tc/tr_082_sertao_pajeu_pe_abr_2009.jpg

As entrevistas aconteceram no primeiro semestre de 2020, onde foram realizadas entrevistas através de conversas semiestruturadas (apêndice) com as agricultoras. Em um

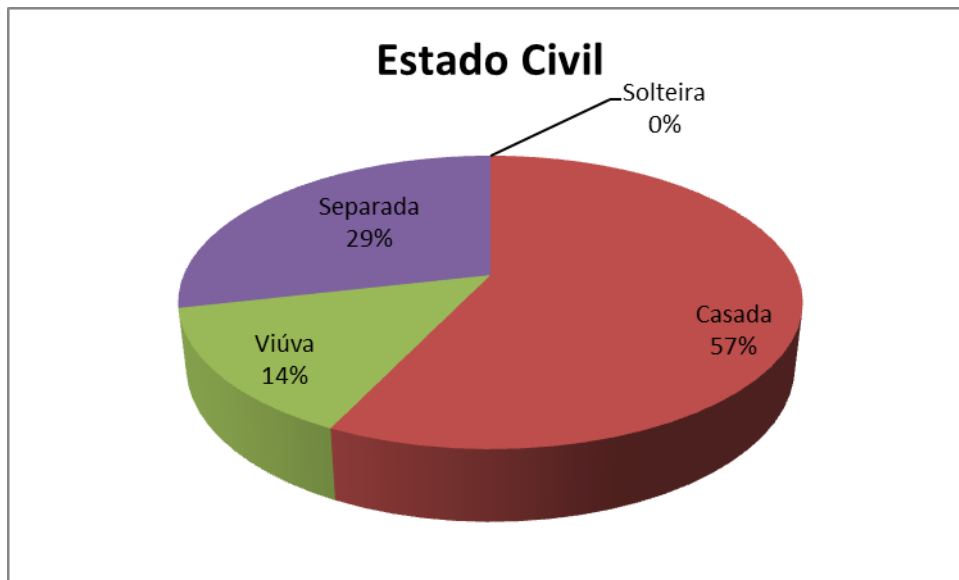
primeiro contato houve uma conversa com uma agricultora, por meio de uma ligação telefônica, onde a mesma relatou sobre sua lida com o seu quintal produtivo e todo o processo até quando ela começou a vender seus produtos e após a conversa foi me feito um convite para participar de uma reunião de mulheres em sua comunidade, no entanto devido à pandemia não foi realizada.

Num segundo momento o contato foi realizado no dia 21 de março de 2020 na feira livre da cidade, em Afogados da Ingazeira, as conversas foram realizadas de maneira aleatória, e após as conversas foi marcado uma visita aos quintais produtivos das mulheres no começo de abril, mas a visita também não pode ser realizada devido ao período de quarentena ocasionada pela pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os quintais produtivos além de ser um espaço para o autoconsumo das famílias tornaram-se ambientes para a transformação de conceitos, atitudes e discussão sobre desigualdade de gênero, empoderamento, economia, sustentabilidade e a segurança alimentar. No presente artigo foram entrevistadas 35% das mulheres que gerem seus quintais produtivos para o autoconsumo e vendem seus produtos excedentes na feira livre da cidade, elas foram escolhidas de forma aleatória, suas idades e estado civil variam, sendo suas idades variando entre 25 e 54 anos e o estado civil apresentado no gráfico 1. Esse percentual baixo pode ter sido ocasionado pelo fato de que seus companheiros estavam próximos a elas e por isso elas ficavam inibidas de conversar ou pela característica da cultura patriarcal da região.

Gráfico 1: Estado civil das mulheres entrevistadas apresentada em porcentual.



Fonte: Própria Autora.

É sabido que a sociedade ainda é bem marcada pela desigualdade de gênero e evidenciada pela forte divisão sexual do trabalho, essa divisão apresenta dois princípios: “o princípio da separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)” (HIRATA; KERGOAT, 2007 p.5), essa visão vem sendo perpassada ao longo dos anos, reflexo de uma sociedade patriarcal.

No ambiente rural essa característica de separação e hierarquização é mais acentuada, onde na teoria a mulher fica com o trabalho reprodutivo, na esfera privada e o homem fica com o trabalho produtivo, na esfera pública, no entanto, na prática existe uma grande contribuição da mulher, que executam várias atividades reprodutivas e produtivas, e que apesar de ser um trabalho não é reconhecido e muitas das vezes não é orçado como renda. Como relata uma das mulheres:

... meu marido nunca me permitiu trabalhar fora de casa, dizia que o serviço de casa era suficiente, mas eu tinha que trabalhar no campo com ele e quando eu voltava ainda tinha que cuidar da casa e dos filhos (AGRICULTORA A).

O relato da agricultora nos mostra com clareza de como o princípio da hierarquização é forte no campo e como é perpassando ao longo da história destacando jornada longa e invisível do trabalho da mulher.

Em concordância com o que já foi observado, podemos expor mais algumas experiências partilhadas pelas agricultoras entrevistadas que relatam que são responsáveis pelos tratos domésticos e por todo entorno da casa, que está o espaço de produção delas, o quintal produtivo, local onde há produção para o autoconsumo e também para a venda dos

produtos excedentes para ser comercializados na feira da cidade, esse trabalho ainda que seja fundamental para a renda familiar ainda é visto pelas próprias mulheres, companheiros e comunidade como um “serviço” subsidiário ao trabalho do homem.

Antes eu me via só como uma ajudante, trabalhava em todos os serviços da roça com meu marido, mas quando me perguntavam se eu trabalhava eu dizia que não, hoje eu digo que trabalho no meu quintal e ganho dinheiro com ele (AGRICULTORA B).

Como relata a agricultora, os quintais tem se tornado espaços para quebrar os paradigmas entorno da desvalorização e invisibilidade da mulher, nesses ambientes elas discutem sobre técnicas, biodiversidade, política, sustentabilidade, segurança alimentar, troca de saberes, além de começarem a se enxergar como produtora, trabalhadora e se revestirem de autonomia.

Entendemos autonomia de forma ampla e complexa, onde a mulher é capaz de gerir sua própria vida, pública ou privada, valendo-se de seus próprios recursos e vontades.

Como diz uma das agricultoras:

Hoje eu boto dinheiro em casa mais do que ele, posso comprar minhas coisinhas sem pedir dinheiro a ele ou dizer pra que é, antes ele ficava ofendido, mas hoje depois de tanta luta ele aceitou (AGRICULTORA C).

Como se pode observar os quintais vêm abrindo espaços para o avanço das mulheres rurais num processo de construção de independência, de conhecimento, de direito, de participação e de liberdade, e também contribuindo para atuação delas em reuniões, associações, entre outros. Essa evolução é descrita por uma das mulheres:

O quintal mudou a minha vida em todos os sentidos... meu marido não gostou, mas eu comecei a ir as reuniões dos rurais e lá conheci várias mulheres que também estavam lutando contra os seus maridos para ganhar um espacinho e um pouquinho de liberdade do mato (AGRICULTORA C).

Apesar da conquista relatada por algumas das entrevistadas, elas se encaixam na exceção, visto que a região ainda é marcada pela cultura patriarcal que impede que as mulheres tenham voz e se revistam de seus direitos.

Outro ponto importante é a inter-relação dos quintais e da sustentabilidade, e como o quintal mudou a visão das mulheres em relação à natureza. Como relata os autores Bernartt, Collet e Piovezana (2015), os quintais não seguem uma única regra ou forma, no entanto, se baseiam nos princípios da agroecologia. Nesse viés da busca pela sustentabilidade, as mulheres têm se tornado protagonistas em defender um modelo ambientalmente sustentável.

Pra mim o meu quintal é um lugar de saúde e paz, a gente vive lá dentro, pega fruta do pé, e come na hora mesmo, porque não tem veneno. As folhas que ficam espalhadas no terreiro eu junto e coloco debaixo dos pés de planta, o material orgânico coloco num buraco perto da porta e depois eu cubro pra não juntar bicho, depois de um tempo eu vou lá pego e junto com o esterco da criação e boto na minha horta. Lá nada se perde tudo vira adubo (AGRICULTORA E).

Para corroborar com essa construção, podemos observar que os quintais produtivos geridos no estudo adotam práticas sustentáveis, como os policultivos, além da não utilização de agrotóxicos, da utilização de técnicas de adubação verde e cobertura morta, da inserção de estratégia para convivência com o semiárido, além de criar uma estabilidade social e economia para a família, visa o futuro dos filhos na terra produtiva e a segurança alimentar de sua casa.

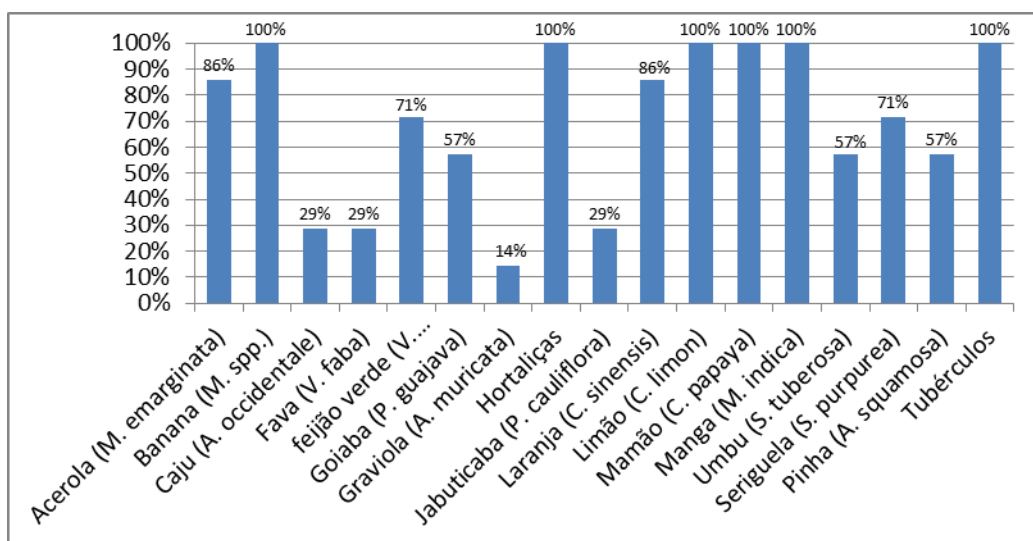
Carneiro et al. (2013), em sua pesquisa sobre a importância dos quintais produtivos para a segurança alimentar dos agricultoras do Ceará, observou que o quintal proporciona uma alimentação mais sadia e, conseqüentemente, resultante melhor qualidade de vida.

Observando o resultado do autor, podemos entender que a segurança alimentar está intimamente ligada aos quintais. Os alimentos produzidos oferecem uma diversidade alimentar de acesso fácil e rápido, resultando numa alimentação rica em nutrientes, minerais, carboidratos dispostas nas variedades de espécies alimentícias (gráfico 2) produzidas pelas agricultoras, além de serem livres de agrotóxicos, proporcionando para a casa e também para a comunidade qualidade alimentar, variedade alimentar e geração de renda, como revela algumas das entrevistadas:

Minha família começou a se alimentar melhor, porque a gente não coloca veneno nas frutas e nem nas verduras e não come mais aquelas porcarias industrializadas (AGRICULTORA D).

Meu filho é pequeno mais já me ajuda na horta e com as galinhas, agora ele come muito melhor, antes era só besteira e refrigerante, hoje se quiser é suco (AGRICULTORA C).

Gráfico 2: Espécies cultivadas nos quintais produtivos pelas agricultoras.



Fonte: Própria Autora.

A partir das falas podemos observar que a relação quintal/alimentação é realmente um ponto relevante para todas as mulheres e que existe uma preocupação em torno de como cuidar do quintal, pois ele é um reflexo da qualidade alimentar da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão visou contribuir para a compreensão de como os quintais produtivos impactam no dia a dia das mulheres rurais. As experiências expostas pelas agricultoras por meio de conversas nos mostram que os quintais por elas geridos são ambientes capazes de construir e modificar as relações delas no âmbito público, se organizando politicamente perante a sociedade e no privado, dando voz, autonomia e visibilidade dentro de seus lares reproduzindo uma nova visão social e, principalmente, cultural, descaracterizando um pouco a cultura patriarcal.

Além disso, os quintais produtivos exercem um importante papel na segurança alimentar das famílias, uma vez que é possível obter uma variedade de espécies alimentícias, proporcionando uma alimentação mais equilibrada, saudável e livre de agrotóxicos, garantindo a qualidade alimentar da família.

Os quintais também se revelam como um grande potencial na conservação ambiental, pois nesses ambientes as mulheres utilizam práticas agroecológicas, às vezes até mesmo sem saber, mas isso contribui para o desenvolvimento rural sustentável e embeleza o local.

Conclui-se, portanto que os quintais produtivos exercem um papel fundamental no cotidiano das mulheres rurais, tornando-as protagonistas de suas próprias histórias, e contribuindo direta e indiretamente no fortalecimento do empoderamento feminino, na troca de saberes, na organização de movimentos voltados aos seus direitos, na biodiversidade rural e na segurança alimentar de sua família.

Embora ainda haja a cultura patriarcal e grande invisibilidade voltada às mulheres rurais na região, nos últimos anos tem havido uma mudança sutil em torno dessa problemática, no entanto, é um assunto que ainda precisa ser colocado em pauta e discutido, pois ainda existem muitos obstáculos a serem superados.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Karla Karolline de Jesus. **Caminhos estratégicos para o desenvolvimento rural sustentável: uma análise da dinâmica sociotécnica dos quintais produtivos**. 2015. 113 f.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Pós-Graduação em Economia Rural, Fortaleza-Ce, 2015.

ALENCAR, B.; GALERA, V. **Mulheres se impõem no campo, mas ainda enfrentam preconceito**.

ALMEIDA, Juliete Amanda Theodora de; NORONHA, CartieleRosale Barbosa de; BRITO, Erik Renan Pinto de; FARIAS, Andrielle Renata Barbosa de; ANDRADE, Horasa. Maria Lima da Silva. **A invisibilidade parcial do trabalho feminino no campo das atividades produtivas**. 18°. REDOR; UFPB; Recife; 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1957/876> >

AMOROZZO, M. C. C. **Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar**. Recife: SBEE, 2002. Disponível em: <http://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2011/12/MariaA.pdf>

BELIK, Walter. Perspectivas para segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Saúde e sociedade**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 12-20, jun. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902003000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902003000100004>.

BURG, Ines Claudete; LOVATO, Paulo Emilio. Agricultura familiar, agroecologia e relações de gênero. *Cadernos de Agroecologia*, [S.l.], v. 2, n. 1, may 2007. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/2224>>. Acesso em: 08 junho 2020.

CASTILHO, E. W. V. Gênero. *Dicionário de Direitos humanos – ESMPU*, 2006.

COLLET, Zenaide; BERNARTT, Maria Lourdes; PIOVEZANA, Leonel. Movimento de Mulheres Camponesas: os quintais produtivos como práticas pedagógicas. In: EDUCEREXII Congresso Nacional de Educação. **Anais...** Curitiba/PR: PUCPR, 2015, p. 11733-11747. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21217_10533.pdf

DEERE, Carmem Diana. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./abr. 2004. p.175-204. ISSN1806-9584 <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100010>.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004. 383 p.

GRISA, C. Para além da alimentação: papéis e significados da produção para autoconsumo na agricultura familiar. **Revista Extensão Rural**, v. 14, n.1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5589>

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 37, n. 132, p. 595-609, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso>.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Biblioteca, 2017. Disponível em:<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2980/momun_ne_pe_afogad_osdaingazeira.pdf>.

LUNA, Sergio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2005. 108 p. (Série Trilhas).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. (14ª edição). São Paulo: Hucitec-ediçora. p.416. Edição 1 de janeiro de 2014

PEREIRA, Amanda Gonçalves. Divisão sexual do trabalho: limitação à igualdade de gênero e ao desenvolvimento. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/download/375/211>>

PIZZINATO, Adolfo; HAMANN, Cristiano; MACHADO, Rodrigo de Oliveira and STREY, Marlene Neves. Relações de gênero e ruralidade nos projetos vitais e noções de si de jovens mulheres. **Fractal, Revista Psicologia**. 2015, vol.27, n.3, pp.247-255. ISSN 1984-0292. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1484>.

SANTOS, Jacqueline Guimarães; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. A Sustentabilidade da Agricultura Orgânica Familiar dos Produtores Vinculados a Associação de Desenvolvimento Econômico, Social e Comunitário (ADESC) de Lagoa Seca – PB, 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: V ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 2010.

Disponível em: <http://anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT7-750-830-20100902232439.pdf>

SANTOS, Jacqueline Guimarães; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. Sustentabilidade e agricultura familiar: um estudo de caso em uma associação de agricultores rurais. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 70-86, jan./abr. 2013.

https://rgsa.emnuvens.com.br/rgsa/article/view/528/pdf_42

SANTOS, Valéria Pereira; BRITO, Fernanda Pereira de. Mulheres e quintais produtivos: desafios e alternativas do uso da água para o cultivo de alimentos. **Anais do VI e VII Seminários Bem Viver Indígena**. 2017-2018, p. 133-153. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1397/1/ANAIS%20BEM%20VIVER%20-COMPLETO-2017-2018.pdf>

SILVA, J. M; LIMA L. O; SOARES, D. F. N; SILVA, K, C; DANTAS, F, R. Projeto de extensão: valorização da agricultura familiar e formações de quintais agroecológicos no sertão pernambucano. In: II CONIDIS. **Anais...** Campina Grande/PB, 2017.

https://editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD1_SA1_ID1460_02102017235424.pdf

SILVA, Rosalina Aparecida da. 2012. **Ciência do alimento: contaminação, manipulação e conservação dos alimentos**. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira. p.37. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2526/1/MD_ENSCIE_III_2012_67.pdf

TEDESCHI, Losandro Antonio. O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas no Brasil: uma ferramenta necessária. **Anuario de hojas de Warmi**, n. 15, 2010. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/234797240>>

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu** (3) 1994. p. 28-62. Disponível em:<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>>

T

R

I

G

O

,